

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE A EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO EM
THEODOR W. ADORNO

INTRODUCTORY NOTES CONCERNING EDUCATION AND EMANCIPATION IN
THEODOR W. ADORNO

PACÍFICO, Marsiel
Universidade Federal de São Carlos
marsiel.pacifico@hotmail.com

DONATO, Henrique Zani
Universidade Federal de São Carlos
henriquedonato@hotmail.com

RESUMO Este trabalho visa tecer alguns apontamentos introdutórios sobre o marco teórico da Teoria Crítica da Sociedade de Theodor W. Adorno, e as reflexões que o mesmo tece sobre o papel social e formativo da educação, visando seu duplo e inerente objetivo, de resistência (para que Auschwitz não se repita) e de emancipação (em uma apropriação do conceito Kantiano, revestido de uma nova particularidade dado o contexto social em que se estabelece a Indústria Cultural). Neste sentido, visamos colaborar com estas notas introdutórias, para a disseminação do pensamento do frankfurtiano, e na medida do possível, constatar novos apontamentos, na atualidade de sua criticidade.

Palavras - chave: Educação e Emancipação. Teoria Crítica. Theodor W. Adorno.

ABSTRACT This work aims to make a few introductory notes on the theoretical framework of Critical Theory of Society of Theodor W. Adorno, and that it weaves reflections on the social role of education and training, aiming to double its inherent and objective, resistance (to Auschwitz not repeated) and emancipation (in a Kantian concept of ownership, a new coated with particularity as the social context in which it establishes the cultural industry). In this sense, we aim to collaborate with these introductory remarks to the spread of the Frankfurt School of thought, and as far as possible, see new notes, the actuality of their criticality.

Keywords: Education and Empowerment. Critical Theory. Theodor W. Adornment.

Theodor W. Adorno ao longo de sua vida não utilizou a educação como objeto central em suas análises e sua crítica social ressalta a emergente necessidade da

construção de um modelo de educação que busque romper com a atual estrutura do modo de produção de consciências humanas na sociedade capitalista. Nas produções de Adorno, a Teoria Crítica se refere a sociedade moderna, e o enfoque que o autor atribui aos mecanismos de dominação cultural, tem em vista o fato que a escola filosófica da Teoria Crítica é também caracterizada pela constante busca de ir além da Teoria Tradicional, fazendo uma crítica a realidade social, e construindo apontamentos para a superação da mesma, em busca de uma sociedade calcada na égide da justiça social. Adorno buscou em suas obras, quando se referia ao objeto de análise “Indústria Cultural”, construir uma teoria que compreendesse quais os mecanismos engendrados na produção das subjetividades dentro da lógica da dominação cultural, vislumbrando libertar o homem de seu estado de *Mündel* para elevá-lo a uma condição de *Mündig*¹.

Adorno foi além da compreensão das relações entre a superestrutura e o indivíduo, porém, buscou entender os processos decorrentes no indivíduo para com a superestrutura, buscando responder a questões como: Por que os homens não se opunham aos mecanismos de opressão? Como os homens perdem a condição de sujeitos?

Com tais preceitos, o teórico vislumbrou a construção de uma teoria social que desvelasse as possibilidades de libertar o indivíduo de sua incapacidade de perceber a realidade e de desenvolver ações autônomas, e de sua conformação com um destino social pautado na exploração de sua força produtiva e na expropriação de sua subjetividade. Para tal objetivo, nota-se na obra do autor, o papel fundamental que ele designa à educação, como agente formativo de seres emancipados, numa apropriação do termo Kantiano.

O sentido de *Esclarecimento* (Aufklärung) Kantiano não se resume simplesmente ao conhecimento, mas a este consubstanciado com o desenvolvimento da autonomia crítica dos sujeitos que operacionam e julgam como operar o conhecimento. Assim, ultrapassar a menoridade auto imposta e tornar-se emancipado, é um compromisso moral com o desenvolvimento social,

¹ Adorno ao retomar Kant, aborda o conceito de “Mündigkeit”, que significa autonomia, maioridade, não dominação, emancipação. Em tradução literal do alemão para o português, Münd significa boca, e Mündigkeit dir-se-ia a aquele sujeito que fala por sua própria boca. Consecutivamente, é aquele que executa por si seu próprio processo de escolha. Assim, Mündel diz-se ao sujeito que precisa de tutela e Mündig diz-se ao homem que é emancipado. Neste trabalho, utilizamos a expressão *emancipação*, no sentido Kantiano.

onde o sujeito chama para si a responsabilidade que lhe cabe na construção de uma ordem social renovada, ao invés de compactuar irrefletidamente com os rumos sociais que se vão constituindo. Esclarecimento, porém, não é apenas a intenção das ciências, a partir da idéia de que ela também, poderá possibilitar o processo emancipatório ela deveria estar, também nos interesses e objetivos da Educação e de Formação Cultural Crítica. Portanto, o interesse condutor do conhecimento educacional para a formação crítico emancipatória também passa pelo Esclarecimento.

O momento exato da libertação da condição da menoridade no indivíduo dar-se-ia no instante em que o mesmo sente que já não mais precisa de uma autoridade abstrata ou concreta que designe suas ações e comande seu destino, tornando assim, o sentimento da não necessidade de ser governado, como o marco divisor entre o indivíduo não emancipado e o indivíduo autônomo.

Trazendo em sua obra uma nova reflexão sobre a emancipação, Adorno demonstra como além dos motivos descritos por Kant haviam estruturas sociais no capitalismo que engendravam nos homens mecanismos impeditivos para a transposição dos sujeitos em sua menoridade, para uma condição de homem emancipado.

Os indivíduos inseridos no seio da indústria cultural são seduzidos por estímulos mercantis, sobretudo os de natureza estética, que são propositalmente codificados segundo as necessidades do mercado e sua lógica consumista, para estimular nos sujeitos, desejos massificados falsamente associados a promessas ilusórias de aquisição de sentimentos, que a mesma estrutura de dominação lhes usurpa, como felicidade e satisfação, sem ainda mencionar, a maneira como a Indústria Cultural torna o indivíduo nulo na subsunção de sua subjetividade em favor do capital, e paradoxalmente, lhe promete sanar por meio da adesão a uma agenda de consumo, seus desejos utópicos, como o desejo da onipotência. Nesse processo dialético e dicotômico, onde o indivíduo está entre deuses e o nada, o capitalismo se perpetua e se reafirma.

Os mecanismos que engendram esse processo de mimese² são astuciosamente camuflados em um tecido que parece singular a cada um; com a promessa da sublevação da identidade do sujeito, o mesmo, imerso na falaciosa teia de dominação da Indústria Cultural, tem sua capacidade de escolha expropriada, e acaba por, na busca pelo singular, aderindo inerentemente ao processo de massificação e reificação, mecanismos fundamentais da perpetuação e auto conservação do capitalismo.

A perversidade não está presente aqui, na busca pelos sentimentos que os indivíduos se sujeitam, mas sim, na falsidade do processo ideológico mercantil que constrói no imaginário da massa, a errônea idéia de assimilar um determinado sentimento à aquisição de um determinado produto. Nesta complexa rede de domesticação, a própria cultura coisifica-se, e é devolvida para o seio da sociedade apenas como mais um produto, deturpada de toda a sua significação subjetiva, que escapa a consciência embrutecida das massas. Na produção e reprodução da realidade social, conduz-se a subjetividade a um definhamento que extingue as possibilidades de resistência e contra-ação. O verdadeiro valor da cultura é desfragmentado, desencadeando um processo gradativo que a levará a ser fetichizada em bem de consumo. Configura-se um quadro, onde esta é consumida através de representações visuais fragmentarias, dificultando a identificação com os bens culturais e não permitindo as experiências concretas dos indivíduos, que na experimentação da interação plena com as artes, por exemplo, afloraria a sensibilidade das massas, fenômeno que não convém à lógica de produtividade e por isso é impelido pela Indústria Cultural.

A possibilidade que a arte oferece ao indivíduo, deste experimentar novas perspectivas e significados e refletir sobre a realidade externa, na crítica social, ou sobre si, na reflexão sobre suas crenças e sentimentos, acaba não sendo experimentável ao ser, visto que ao se transformar em produto, a multiplicidade da produção cultural é anulada.

Para Adorno esta interação deformada do homem com a cultura marca significativamente dentro da sociedade, a tônica da relação que os indivíduos terão entre si e como constituirão a própria identidade, pois a cultura industrializada, ou

² Do gr. *mímesis*, "imitação" (*imitatio*, em latim), designa a ação ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da natureza, o que constitui, na filosofia aristotélica, o fundamento de toda a arte.

pseudocultura, potencializa a desintegração do sujeito individual, onde os instáveis mecanismos de identificação da Indústria Cultural, não permitem visto a sua dinamicidade, uma interação que resulte em um processo formativo da identidade do sujeito. A desintegração que a pressão exercida pelo geral dominante exerce sobre o individual, não repercute só na constituição do eu, mas está diretamente associada ao enfraquecimento do pensamento reflexivo.

Ao mesmo tempo em que usurpa do indivíduo a possibilidade de constituir uma identidade que lhe seja singular, a Indústria Cultural transfere paradoxalmente o poder de constituição da mesma, para o processo de adesão ao coletivo, onde a singularidade do sujeito é anulada frente a submissão que este se impõe, criando uma imagem de si previamente estipulada pela lógica de consumo, visto a agenda de consumo dos produtos que supostamente constituíram esse “eu” massificado.

Visando a formação de consumidores para seus bens de consumo coletivizados, a Indústria Cultural, na medida em que objetiva massificar as subjetividades, disseminando através dos meios de comunicação e das relações de poder, valores, modelos e necessidades supostamente universais, normatizando as consciências, ao ponto de formar indivíduos que ausentes de um processo reflexivo e tolhidos de seu poder de escolha, aderem por inércia aos simulacros de dominação, temos presentes então, mecanismos que engendram nos sujeitos o processo de *semiformação*.

A *semiformação* (Halbbildung) é a expressão formativa reprodutiva do vigente, o lócus de massificação social. Em seu objetivo de reificação, a Indústria Cultural visa reproduzir na consciência dos homens uma duplicação do existente, formando uma determinada forma de consciência que ratifica a ordem social. Assim a semiformação é identificada como: “O momento subjetivo deste social presente como cópia, como objetificação coisificada”. (MAAR, 2001, p. 122).

A semiformação em Adorno, não pode ser compreendida como um processo educativo ideal não concluído. Diametralmente oposta a essa possibilidade, a semiformação é um processo de deformação das subjetividades; processo esse que emana do sistema de produção capitalista pautado na alienação, e de sua inerente imposição retroativa aos homens. Retomando o conceito de Emancipação Kantiano, já outrora neste mesmo trabalho discutido, a semiformação é a conseqüência nefasta da Indústria Cultural, que anula a possibilidade dos processos

potencialmente emancipatórios, resgatarem a autonomia e despertarem a reflexão crítica nos seres.

Um sujeito semiformado, se obviamente não possui uma formação cultural rica e pluralizada, tão pouco é um sujeito que está imerso na ignorância, pois o estado do não conhecimento tem a potencialidade crítica da dúvida, característico daquele que não compreende, frente a uma realidade social que não se permite questionar. A semiformação é um processo de anulação das capacidades autônomas do indivíduo, utilizando esse vácuo subjetivo, para o controle da massa, enquanto objeto de sua derivação coletiva: o homem à *mercê* de sua própria constituição social. A semiformação solidifica-se junto com o amadurecimento do capitalismo, como a forma de produção de subjetividades que estrutura o desenvolvimento e perpetuação da ideologia capitalista, criando nas sociedades massificadas um deturpamento do real, onde está cada vez mais evidenciada a contradição entre as classes; dicotomia que pauta o processo produtivo. Em última instância, a semiformação é o caminho para que emanem regimes totalitários, visto o grau de condutibilidade dos componentes subsumidos de suas faculdades autônomas.

Em Adorno, notamos também a reflexão de que a cultura e a arte embora inegavelmente tenham uma colossal potencialidade para se constituírem mecanismos de emancipação, não são necessariamente produtoras de subjetividades pautadas na ética e na justiça social. Ainda sob um olhar de natureza neutra sobre a cultura, o autor explana que conceber a mesma mitificada e em associação direta a produção de beneficências, seria por si só uma produção de uma subjetividade semiformada. Os desdobramentos dessa forma de constituição dos sujeitos no capitalismo são psicopatologias pulsantes, como:

(...) a perda da consciência temporal (sendo que o semicultivado se gaba ainda da sua “fraca memória”) e um enorme ressentimento, a ponto de explodir a qualquer momento. Aqui também a demência individual se neutraliza pelo fato de ser tão difundida que passa por normalidade (DUARTE, 2003, p.5).

Outro processo psicopatológico decorrente da semiformação é a personificação dos fatos, onde o sujeito agrega em suas relações objetivas, a

responsabilidade e a conseqüente incumbência da resolução de determinadas questões à indivíduos ou grupos em específico.

Agregada a essa psicopatologia anti-semita, está o fato de que a sociedade administrada não considera em seus instrumentos de identificação dos homens, seus valores subjetivos. Um ser coisificado, é apenas um número, um dado a ser contabilizado, que na lógica binária capitalista do útil e não útil pode ser facilmente descartado, principalmente quando representa “um outro” que está externalizado a essa lógica. Em tempos onde os simulacros estimulam a agregação do ser ao todo, não enquanto processo formativo, mas sim como massificação para os fins mercantis do capital, não há espaço profícuo para o desenvolvimento de expressões mesmo ínfimas de novas lógicas. Assim, o que há de diferente torna-se um objeto cujo extermínio é necessário e cabível dentro das gélidas idiosincrasias capitalistas.

Dentro dessas nefastas conseqüências da semiformação, tornam-se pulsantes as raízes do anti-semitismo. Ao racionalizar o “outro” como alguém diferente, dá-se as condições psicossociais para que a barbárie possa se estabelecer, justificada racionalmente e esvaziada de seu horror. Na busca da raiz histórica de tais processos, Adorno e Horkheimer (1985) explanam sobre a influência do projeto Iluminista no cerne do capitalismo, e visam demonstrar os caminhos que levaram as rupturas idealizadas por tal movimento, a metamorfosear-se em uma estrutura que acaba por expropriar do sujeito, todos os âmbitos de sua omnilateralidade: enquanto lhe suga a força produtiva dentro da lógica da mais valia, lhe impõe mecanismos que impedem a emancipação, formando uma sociedade massificada e semiformada, no intuito de reafirmar o vigente.

Para a crítica da realidade social, Adorno juntamente com Horkheimer, na obra “*A dialética do esclarecimento (1947)*” demonstram como no Iluminismo o homem toma para si o projeto de utilizar o esclarecimento em detrimento da construção de uma realidade social melhor, mas paradoxalmente, tal projeto não se concretiza e a estrutura social de uma sociedade esclarecida, autodestrói o conhecimento, visto que o pensar automatizou-se e reificou-se nos indivíduos, anulando a forma clássica da razão. A reificação em Adorno trata do fenômeno decorrente no capitalismo tardio que coisifica tudo dentro de sua lógica de mercantilização, dando vida autônoma ao objeto coisificado, capturando em sua

superestrutura até mesmo os mecanismos que reúnem as condições para libertar o sujeito de sua condição de não-autonomia.

Gradativamente, o domínio da razão, centro do projeto Iluminista ao libertar-se dos grilhões metafísicos³, foi dando lugar ao desenvolvimento da racionalidade tecnocrática. Com o desenvolvimento das ciências e tecnologias, o capitalismo fortalece-se em decorrência da inerente sofisticação de seus meios de produção, criando além de sua estrutura material, uma nova e complexa ordenação social onde os valores humanos coisificados, assim como paulatinamente tudo que habita a sociedade, são descartados e substituídos pela lógica capitalista, onde a mercadoria é a matriz da vida social.

A razão crítica não encontra campo para desenvolver-se na estrutura social capitalista, e passa a perder gradativamente espaço para a razão técnica. Dessa substituição, desdobra-se a doravante perversa irrelevância dos padrões morais para o sucesso técnico-burocrático. Dentro dessa lógica de auto preservação do sistema que pauta a ação humana, abrem-se precedentes para processos históricos como o de *Auschwitz*⁴, onde a razão técnica do mundo nazista, incapaz ao menos de inclinar-se a constituição de uma identidade que lhe fosse diferente, acaba por exterminar aquilo que lhe representa o outro. Para Adorno e Horkheimer a lógica em que *Auschwitz* está fundamentada no processo decorrente do racionalismo burocrático nazista, que ao quantificar o sujeito e expressá-lo tecnicamente através de gráficos e dados, abstrai dele toda a sua subjetividade, desencadeando um processo inerente de embrutecimento e intolerância.

A barbárie, conceito tão objetivado como foco de estudo por Adorno, é definida pelo mesmo da seguinte maneira:

Suspeito que a barbárie existe em toda a parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto a identificação com a erupção da violência física. Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a

³ Grilhões: 1. Corrente de metal, formada de anéis encadeados; 2. Cordão de ouro; 3. Cadeia, prisão; 4. Algema; 5. Amarras; Metafísico, de Metafísica, é um ramo da filosofia que estuda a essência do mundo. Conhecimento ou princípio ligado à religião, à razão, ao Criador; que não é revelado pelo empirismo ou pela experiência, mas sim por uma razão fundacional, fundamental. ; Logo Grilhões Metafísicos remete-se as amarras da religião.

⁴ Adorno identifica no nazismo a expressão máxima da barbárie via razão instrumentalizada, que é a natureza da razão operante no capitalismo.

situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode sem mais nem menos ser condenada como barbárie (1985, p. 159-160).

Desumanizar o homem e tragá-lo coisificado para a lógica matemática que tudo quantifica e atribui o valor binário de útil ou não útil, é um mecanismo astuto de uma sociedade que precisa extinguir de seu interior para a otimização de sua produção, os valores humanos que atravancariam a evolução do sistema, visto que reorganizaria hierarquicamente a relação entre sujeito e objeto, colocando o indivíduo como prioritário e mandatário nesta relação de poder. Dessa forma, o Iluminismo além de proporcionar uma deturpação da razão, não inicia um processo de libertação do homem em relação aos grilhões metafísicos, mas sim, desencadeia um processo que acaba por gerar uma nova forma de dominação mistificada, alicerçada nas ciências (principalmente as ciências matemáticas) na tecnologia e por fim, na lógica de produção do sistema capitalista.

Entre a análise da construção social Iluminista e na concretização do capitalismo, os autores identificam o deturpamento do verdadeiro significado da razão e destacam a importância do domínio da mesma para que se possa pensar filosoficamente a realidade. Pensar além da realidade posta, fora uma idéia mais tardiamente amadurecida por Adorno em sua *“Dialética Negativa”*, onde destaca a falseabilidade ideológica da realidade aparente, sendo necessário identificar os mecanismos que são contrários ao processo de desenvolvimento da autonomia do homem e o ato de tomar para si seu próprio destino. A Dialética Negativa aponta para a possibilidade de negar o aparente para então, a partir de um verdadeiro diagnóstico, construir um projeto social que desesquematize os atuais mecanismos impeditivos do verdadeiro desenvolvimento da subjetividade autônoma humana.

O caráter repressivo da sociedade contemporânea terá segundo Adorno, uma consequência objetiva no insucesso das instituições que compõe o corpo social, inclusive a educação, de formar indivíduos aptos a uma vida social onde a felicidade seja uma parte integrante dos sujeitos. É o processo civilizatório desenvolvendo em seu cerne a antítese de sua composição, no processo anticivilizatório. Diante de tal constatação, a teoria desenvolvida pelo autor, não prima por um processo utópico, na acepção usual da palavra, mas vislumbra desenvolver mecanismos que tragam

as consciências embrutecidas dos indivíduos, o cerceamento subjetivo imposto pela realidade social vigente.

Ressalta-se que Theodor W. Adorno não objetivou em momento algum a construção de uma moral, conceituando os valores necessários aos componentes da vida social. A educação em Adorno, não está permeada por uma intencionalidade política, ou por uma visão de mundo particular. Para o autor, a verdadeira ética e objetivo do potencial educacional, é a construção de seres capazes de refletir, opinar e intervir por si só, construindo uma sociedade mais rica através da inter-relação imaculada de qualquer forma de preconceito, entre os diferentes.

Frente a essa complexa estrutura de dominação do capitalismo tardio, a educação deve refletir qual o papel que desempenhará, e os objetivos que buscará alcançar. O processo de reflexão educacional se complexifica, tendo em conta que os mecanismos da Indústria Cultural não deixam nem educação, nem educadores, fora de sua teia de dominação e semiformação. Em vista disso, apropriar-se da atualíssima teoria frankfurtiana, é uma condição absolutamente necessária, para que a partir de um processo reflexivo do papel educacional, possamos tecer um planejamento escolar, que possa minimamente, oferecer novas perspectivas frente a esta sociedade que massifica e fetichiza, e na expressão máxima de sua razão instrumental, enquadra todos os componentes dentro de uma lógica binária que explora o útil e aniquila o diferente, em favor do lucro.

Dessa atmosfera carregada de uma tendência latente, que se define desumanizante com mais clareza, ao mesmo tempo em que se aumentam as desigualdades sociais, emanam desdobramento para o processo formativo e por conseqüência para a educação, inclusive a soberba intelectual como forma sofisticada de sadismo pedagógico, que se faz mister executar nesta altura, uma análise especialmente focada na educação, para que possamos compreender os mecanismos, além dos já citados, que protagonizam o sadismo, como força motriz de tais impulsos. Concebemos que, compreender além da realidade aparente, é o primeiro e dificultoso passo que os educadores deverão se propor na busca da construção de um novo modelo educacional, delimitando assim, seu plano de ação e objetivos. Para tal, julgamos necessário ainda enxergar na teoria social de Adorno, que trás consigo em sua crítica, a função do sistema de ensino e seus mecanismos de deformação como processos comprometidos com a dominação das

subjetividades, e por tal, a necessidade de abordar a relação entre educação e sociedade se fez presente para qualquer análise posterior de um objeto fragmentário do corpo educacional. Há assim, a necessidade de se (re)criar uma educação que desenvolva igualmente as potencialidades do homem, mas sem nos desprendermos do terreno pantanoso da realidade social.

MARSIEL PACÍFICO

Mestrando em filosofia da educação pela Universidade Federal de São Carlos onde também se graduou em Pedagogia. Participa do GEP "Teoria Crítica e Educação" atuando na área de Teoria Crítica e Educação.

HENRIQUE ZANI DONATO

Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos, atua na área de educação prisional e novas tecnologias na educação, usando como perspectiva teórica os filósofos da Teoria Crítica da Sociedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W; *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

DUARTE, Rodrigo. Esquematismo e semiformação. *Educ. Soc.* [online]. 2003, vol.24,

MAAR, Wolfgang. Leo. A produção da "sociedade" pela indústria cultural. *Revista Olhar*, São Carlos, vol. 3, p. 84-107, 2000.

MAAR, Wolfgang. Leo. Da subjetividade deformada à semiformação como sujeito. *Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte, vol. 13, n. 2, p. 92-141, 2001.

MAAR, W. L. *A perspectiva dialética em Adorno e a controvérsia com Habermas. Transformação*, Assis, vol. 25, p. 87-105, 2002.